

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO**

AMANDA CRISTINA LOPES SANTOS

**EDUCAÇÃO PARA TODOS: UM PROTÓTIPO DE UM ACERVO DIGITAL NA
LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NAS ESCOLAS
PÚBLICAS**

DIAMANTINA, MG

2022

AMANDA CRISTINA LOPES SANTOS

**EDUCAÇÃO PARA TODOS: UM PROTÓTIPO DE UM ACERVO DIGITAL NA
LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NAS ESCOLAS
PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Exatas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Sistemas de Informação.

Orientadora: Prof^ª. Geruza de Fátima Tomé Sabino

DIAMANTINA, MG

2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda Cristina Lopes Santos

**EDUCAÇÃO PARA TODOS: PROTÓTIPO DE UM ACERVO DIGITAL NA LUTA CONTRA A
DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Sistemas de Informação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisitos parcial para conclusão do curso.

Orientadora: Geruza de Fátima Tomé Sabino

Data de aprovação: 07/03/2022

Prof^ª. Dra. Caroline Queiroz Santos
Faculdade de Ciências Exatas - UFVJM

Prof. Felipe Túlio de Castro
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais _Campus Araçuaí

Documento assinado digitalmente



FELIPE TULIO DE CASTRO
Data: 07/03/2022 16:32:19-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>



Documento assinado eletronicamente por **Caroline Queiroz Santos, servidor (a)**, em 07/03/2022, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Geruza de Fátima Tomé Sabino, servidor (a)**, em 07/03/2022, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site



https://sei.ufvjm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0629681** e o código CRC **A27D3DE3**.

Referência: Processo nº 23086.015932/2021-92

SEI nº 0629681

RESUMO

O racismo está presente em todos os contextos da sociedade e no ambiente escolar não é diferente. Apesar da Lei 10.639/03, que visa a promoção da igualdade racial nas escolas públicas e particulares brasileiras, os currículos escolares são pouco representativos e demonstram tratamento diferenciado às pessoas negras, pela representação discriminatória em livros didáticos. O currículo escolar envolve não apenas a vida da escola — compreendida em termos mínimos como um conjunto de matrículas, quadros de horários e conteúdos a serem transmitidos — mas também a própria vida social do aluno. Sendo assim, esta pesquisa, de natureza aplicada, propõem a construção de uma plataforma de pesquisa e compartilhamento de conteúdo, subsidiada pela ferramenta Figma, na qual seja possível elaborar um acervo digital o qual disponibilize produções intelectuais e pedagógicas de autoria de intelectuais negros e negras, sendo estes acadêmicos ou não, que disserte sobre a população afro-brasileira, sua cultura, seus saberes e visões de mundo. Com isso, busca-se contribuir para elaboração de uma matriz curricular antirracista, tornando as práticas educativas mais inclusivas.

Palavras-chave: Racismo, Currículo Escolar, Igualdade Racial, Prototipação, Figma.

ABSTRACT

Racism is present in all contexts of society and in the school environment is no different. Despite Law 10,639/03, which aims to promote racial equality in Brazilian public and private schools, school curricula are not very representative and show differentiated treatment for black people, due to the discriminatory representation in textbooks. The school curriculum involves not only the life in the school — understood in minimal terms as a set of enrollments, timetables and contents to be transmitted — but also the student's own social life. Therefore, this research, of an applied nature, proposes the construction of a platform for research and content sharing, subsidized by the Figma tool, in which it is possible to develop a digital collection which makes available intellectual and pedagogical productions authored by black people intellectuals, whether they are academics or not, who speak about the Afro-Brazilian population, their culture, their knowledge and worldviews. With this, we seek to contribute to the development of an anti-racist curriculum, making educational practices more inclusive.

Keywords: Racism, School Curriculum, Racial Equality, Prototyping, Figma.

“Cada pessoa tem seu tempo, não se compare aos outros. Valorize o que conquistou na sua própria velocidade”.

-Autor desconhecido.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus pela vida e oportunidade de encerrar mais esse ciclo, toda honra e toda glória a Ele. Agradeço também a mulher mais importante da minha vida e a que eu mais admiro, a minha mãe. Obrigada, Osmarina, por tudo que você fez para que eu pudesse estudar e o quanto batalhou para que eu tivesse em minhas mãos um diploma e uma vida melhor. Eu amo você e essa conquista é NOSSA!

Ao meu irmão Wallace, por toda força e por acreditar nos meus sonhos. Ao Guilherme por sempre me apoiar, acalmar e aplaudir todas as minhas conquistas. A Laura que sempre contribuiu para que eu alcançasse meus objetivos, a Hemily por ser tão doce e por me fazer querer ser melhor a cada dia. A Ly, por ser uma amiga que sempre me olhou com carinho e me fez acreditar que sou capaz e merecedora. A Fabiana, Zélia e Letícia pelo carinho, sorrisos, aconchego durante a minha caminhada. Ao Paulo por todas as conversas, carinho e risadas.

Aos meus professores que passaram o conhecimento necessário para que eu pudesse atuar na área que escolhi. Um obrigada especial à minha orientadora Geruza, a qual admiro muito. A minha banca, Carol e Felipe pela boa vontade e disponibilidade em participar desse momento.

Aos meus amigos de infância, Éllen, Ana Laura, André, Carol, Isabella, Eblemar, Natália, Thaís, Pimenta, gratidão pela força nos dias "nublados", pelas palavras de aconchego e pelos anos de amizade e companheirismo.

Aos meus amigos do peito que fizeram com que a faculdade fosse mais leve e feliz, muito obrigada ao Bruno, Beatriz, Marcus Paulo, Erycles, Mayko, Diego, Indielly, Daniela, Caio, Caliny, Carol, por todas as vezes que me auxiliaram, pelas monitorias, pelo apoio, pelas coisas INCRÍVEIS que vivemos juntos! Vocês são parte dessa conquista, vocês são parte da minha história e das minhas melhores lembranças.

Aos meus amigos que me mostraram um novo horizonte, MP, Brian, Pi, Piolho, Lipin, Eloízio, Pelli, vivi coisas maravilhosas ao lado de cada um de vocês e minha vida nunca mais foi a mesma. Serei eternamente grata por tudo que fizeram por mim, por todo carinho e cuidado. Muito amor por cada um de vocês e pelo nosso eterno Dev Weekend!

A Next Step - Empresa Júnior, por ter sido a salvação quando eu pensei em desistir.

A DTI pelo acolhimento e aprendizado, por ser uma empresa incrível que não mede esforços em contribuir para o nosso crescimento. Ao meu time, por toda a paciência, carinho e cuidado ao me capacitar, minha trajetória é muito mais leve com vocês.

Enfim, a todos que estiveram comigo durante esses anos, que me deram uma palavra de carinho, que fizeram parte de momentos bons e ruins, gratidão! Sou parte de tudo e aprendi com tudo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Fotografia Maria Firmina dos Reis	24
Figura 2 — Fotografia Carolina Maria de Jesus.....	25
Figura 3 — Fotografia Conceição Evaristo	26
Figura 4 — Imagem da interface do Figma.....	31
Figura 5 — Tela inicial do Adobe XD	32
Figura 6 — Tela inicial da ferramenta Sketch.....	33
Figura 7 — Tela inicial da plataforma Acode Aqui	38
Figura 8 — Tela de cadastro.....	39
Figura 9 — Tela Home da plataforma Acode Aqui	40
Figura 10 — Opções na seção <i>Perfil</i> do usuário	40
Figura 11 — Home - seção <i>Escritoras para conhecer</i>	41
Figura 12 — Home - seção <i>Escritoras para conhecer</i>	42
Figura 13 — Home - seção <i>Categorias</i>	43
Figura 14 — Home - seção selecionar <i>Categoria</i>	44
Figura 15 — Home - seção selecionar <i>Subcategoria</i>	45
Figura 16 — Material selecionado	46
Figura 17 — Tela perfil do usuário - Blog	47
Figura 18 — Tela do feed do <i>Blog</i>	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19	Coronavírus
G1	Portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo
GESAC	Serviço de Atendimento ao Cidadão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações
MP	Ministério Público
MVP	Minimum Viable Product
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UI	User Interface
UX	User Experience

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Trabalhos Correlatos	12
1.1.1	Objetivo geral	13
1.1.2	Objetivos Específicos	13
1.1.3	Motivação e Justificativa.....	13
1.1.4	Organização do Trabalho	14
2	METODOLOGIA	15
3	REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1	Algumas dimensões históricas do racismo	16
3.1.1	Racismo na escola e a necessária descolonização dos currículos escolares.....	17
3.1.2	Desigualdade no Ambiente Escolar e a Importância do Currículo	19
4	A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E A LITERATURA NEGRA	22
4.1	Três escritoras intelectuais negras que marcaram a literatura	23
4.1.1	Maria Firmina dos Reis	23
4.1.2	Carolina Maria de Jesus	25
4.1.3	Conceição Evaristo.....	25
5	BIBLIOTECAS ESCOLARES	28
5.1	O desafio da tecnologia como ferramenta na educação.....	28
6	FERRAMENTAS UTILIZADAS	30
6.1	Figma	30
6.2	Adobe XD	31
6.3	Sketch	32
7	USER EXPERIENCE (UX).....	34
7.1	Os 6 princípios do design de Norman.....	34
7.1.1	Visibilidade	35
7.1.2	Affordance.....	35
7.1.3	Feedback.....	35
7.1.4	Restrições	35

7.1.5	Consistência.....	36
7.1.6	Mapeamento	36
8	INTERFACE DA PLATAFORMA A CODE AQUI	37
8.1.1	Tela de login.....	37
8.1.2	Tela de cadastro.....	38
8.1.3	Home - Página principal.....	39
8.1.4	Home - perfil do usuário	40
8.1.5	Seção: Escritoras negras para conhecer.....	41
8.2	Home - categorias	42
8.2.1	Home - Categoria - selecionar categoria	43
8.2.2	Home - subcategoria.....	44
8.2.3	Resultado do material selecionado	45
8.2.4	Perfil - Blog	46
8.2.5	Blog	47
9	CONCLUSÃO	49
9.1	Trabalhos Futuros.....	49
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Em uma reportagem apresentada pelo Fantástico no dia 16 de janeiro de 2022, pesquisas realizadas pela antropóloga Adriana Dias, que estuda o neonazismo no Brasil, mostraram um crescimento de 270% de janeiro de 2019 a maio de 2021 de grupos extremistas no país. Segundo Dias (2021), essas associações começam com o masculinismo, além do ódio a negros, à comunidade LGBTQIA+, nordestinos, imigrantes e a negação do holocausto. Ainda de acordo com a reportagem, a falta de leis contra discursos de ódio dificultam a aplicação de punições.

Se a falta de lei dificulta a punição aos criminosos, facilita, por outro lado, a disseminação de ódio, de *fake news* e de violência física e emocional, causando estragos à integridade das vítimas. Hoje em dia, tem-se o mundo na “palma das mãos”. Com a internet e os dispositivos móveis, ficou cada vez mais fácil o acesso a informações. Estas, contudo, nem sempre são verídicas, mas que se espalham em poucos minutos e acabam se tornando “verdade” para muitos.

Os algoritmos estão em nosso cotidiano de maneira tão efetiva e naturalizada, que “[...] costumam ser vistos como objetos intangíveis pela população em geral – que sente seus efeitos, mas não conhece ou compreende seu formato e modo de ação” (PIERRO, 2018). Talvez para quem não sofra racismo, homofobia, xenofobia e outros tipos de violência, seja imperceptível como os algoritmos contribuem para a manutenção desses crimes na sociedade. O projeto “Linha do Tempo do Racismo Algorítmico” realizado por Silva (2019), aponta situações de discriminação algorítmica. Na *timeline* interativa é possível encontrar uma cronologia de 2010 a 2019. Dentre elas, há o estudo “Busca por “garotas negras” resulta em conteúdo pornográfico”, da professora Safiya Noble, que denuncia como o racismo pode se manifestar em uma simples pesquisa do Google. Em 2013, a autora relatou como a busca por “Garotas Negras”, resultou na associação da mulher negra com conteúdo sexual e pornográfico, o que mostra a “[...] hiper-visibilidade de associação do olhar pornográfico sobre garotas negras e latinas como um meio de torná-las ao mesmo tempo "invisíveis" em suas humanidades e complexidades.” (SILVA, 2019).

Em todos os contextos da sociedade, existe racismo implícito ou explícito, e no ambiente escolar não é diferente. A aplicação da Lei 10.639/03 visa a promoção da igualdade racial nas escolas públicas e particulares brasileiras, indicando a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileiras. No entanto, pesquisadores revelam que as instituições

educacionais não têm tido êxito no cumprimento da lei, por encontrar resistência de dirigentes e docentes no cumprimento da normativa, naturalizando o racismo assimilado pelo discurso e/ou atividades pedagógicas, ou mesmo nas metodologias eurocêntricas de ensino, que reproduzem esse fenômeno social (TUONO; VAZ, 2017).

Em algumas situações, os próprios docentes não conseguem abordar o racismo de maneira a superá-lo nas instituições, seja pela falta de capacitação, seja pelos materiais didáticos pouco representativos. Um acontecimento que chamou a atenção nas mídias, foi a filmagem exibindo um professor de história usando uma roupa da Ku Klux Kan dentro de uma escola em São Paulo, em dezembro de 2021. A reportagem do G1, portal de notícias da emissora Globo, mostra o homem circulando com naturalidade entre os alunos, o que levantou debates.

Considerando a dimensão da luta antirracista e o papel da educação no processo de superação das desigualdades socioraciais, esta pesquisa tem como objetivo elaborar uma plataforma de pesquisa e compartilhamento de conteúdo como acervo digital, que disponibilize produções intelectuais e pedagógicas sobre a população afro-brasileira de autoria de intelectuais negros e negras, sendo estes acadêmicos ou não. A luta contra o racismo institucionalizado depende, também, das capacitações docentes no processo de ensino e aprendizagem, e do acesso aos conteúdos pedagógicos antirracistas, nesse caso, viabilizado pela plataforma, e pela ação colaborativa entre os usuários que poderão colaborar com conteúdos e metodologias desenvolvidas pelos mesmos.

Atualmente, os currículos escolares são elaborados, baseados e avaliados pela perspectiva da herança eurocêntrica colonizadora, que não dialoga com a cultura de um país multiétnico como o Brasil. A falta de capacitação dos docentes e de métodos pedagógicos que dialoguem com a diversidade cultural brasileira e questionem a história única oficializada pelo conquistador contribui para um ambiente escolar tóxico, racista e machista. Partindo desse contexto, a pergunta que norteará o desenvolvimento da pesquisa será: como a tecnologia pode contribuir para a elaboração de uma matriz curricular antirracista?

1.1 Trabalhos Correlatos

Existem alguns trabalhos que retratam o racismo no ambiente escolar. Santos e Aparecida Lopes do Vale (2019), buscam em seu artigo problematizar e refletir acerca do sujeito negro e a sua relação com o saber escolar. Tuono e Vaz (2017) com seu trabalho “O

Racismo no contexto escolar e a prática docente”, analisam a presença do racismo no contexto escolar, tendo em vista a mediação da prática docente. Em ambos, há uma grande contribuição com a temática a ser debatida ao longo deste trabalho.

1.1.1 Objetivo geral

Elaborar uma plataforma de pesquisa e compartilhamento de conteúdo como acervo digital que disponibilize produções intelectuais e pedagógicas sobre a população afro-brasileira de autoria de escritores negros e negras, sendo estes acadêmicos ou não.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Apresentar um debate teórico sobre o racismo no ambiente escolar e a necessidade de descolonização dos currículos escolares para uma luta antirracista;
- Investigar as ferramentas tecnológicas que melhor dialogam com a proposta de uma plataforma de pesquisa e compartilhamento de conteúdo acessível ao usuário;
- Construir a interface da plataforma a partir das ferramentas encontradas e disponibilizadas.
- Inserir na plataforma, a vida e obras de escritoras intelectuais negras;

1.1.3 Motivação e Justificativa

“Quantos livros de escritores negros, você já leu?”, essa foi a pergunta que me motivou a desenvolver este trabalho de conclusão de curso. Sempre estudei em escolas públicas e me recordo muito pouco das vezes que dentro das salas de aula personalidades negras tenham sido citadas como escritores(as), cientistas, advogados(as), médicos(as) e outras profissões elitizadas, mas me recordo muito bem das vezes que pessoas negras foram citadas em situações de escravidão e vulnerabilidade social.

Por causa das implicações disto, busco com este trabalho contribuir para um ambiente escolar no qual a diversidade seja abraçada e os currículos escolares tornem-se mais inclusivos e antirracistas, além de também colaborar com o conhecimento dos profissionais da educação, para que possam abordar e lidar com o racismo nas instituições.

1.1.4 Organização do Trabalho

O presente trabalho foi organizado em nove capítulos, sendo o primeiro para melhor apresentação do assunto a ser abordado. No capítulo 2, tem-se a metodologia. No capítulo 3, seguido das demais divisões, são contemplados os temas: Algumas dimensões históricas do racismo, Racismo na escola e a necessária descolonização dos currículos, Desigualdade no ambiente escolar e a importância do currículo. No capítulo 4 é abordada a literatura Afro-Brasileira e a literatura negra. No capítulo 5, tem-se a abordagem das bibliotecas escolares. No capítulo 6, ferramentas utilizadas para o desenvolvimento do protótipo. No capítulo 7, trata-se da experiência do usuário. O capítulo 8 é voltado a apresentação da interface da plataforma *Acode Aqui* e, por fim, o capítulo 9, com a conclusão da pesquisa realizada.

2 METODOLOGIA

Com intuito de proporcionar resposta ao problema que foi proposto e atingir os objetivos estabelecidos, essa pesquisa deve adotar procedimentos sistemáticos que se desenvolvem ao longo de um processo composto de inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002). Assim, trata-se de uma pesquisa exploratória, uma vez que utilizou-se de pesquisas bibliográficas para análise preliminar sobre a temática. Com a revisão bibliográfica pretendeu-se aprofundar sobre o assunto em investigação. Além de exploratório, este estudo também compatibiliza-se com a **abordagem qualitativa** visto que, é necessária compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, preocupando-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

No que diz respeito à natureza, trata-se de uma **pesquisa aplicada** uma vez que seu objetivo é gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Neste tipo de pesquisa estão envolvidos verdades e interesses locais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Assim, “o investigador é movido pela necessidade de contribuir para fins práticos mais ou menos imediatos, buscando soluções para problemas concretos” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 65).

O protótipo construído como auxiliar no processo de conhecimento para abordagem do racismo nas salas de aula foi pensado utilizando técnicas de *User Experience (UX)* e *User Interface (UI)*, além de seguir os 6 princípios de design de Donald A. Norman. Para a prototipação, foi utilizado o Figma, uma ferramenta de design para interfaces gratuito, online, que possibilitou a prototipação da plataforma de maneira simples e com uma boa performance.

Os 6 princípios do design descritos por Norman em seu livro *O design do dia a dia* (2002), continuam sendo utilizados nos dias atuais por profissionais do design, para garantir uma boa experiência para o usuário. Por tanto, este Trabalho de Conclusão de Curso, baseou-se em seus princípios para a construção do protótipo da plataforma *Acode Aqui - o repositório de conhecimento virtual*. Também apoiou-se nas técnicas de User Interface (UI), tendo como ferramenta escolhida para aplicação, o Figma.

Ao decorrer do trabalho, usaremos os termos negros e negras, levando em consideração a definição de cor e raça do IBGE, a qual apresenta como negro, a soma das pessoas que se declaram pardas e pretas (IBGE, 2019).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Algumas dimensões históricas do racismo

Em 13 de maio de 1888, por meio da Lei Áurea, deu-se formalmente o fim da escravatura no Brasil, sendo o último país independente das Américas a abolir a escravidão, conforme Lei Nº 3.353. “[...] Logo após a abolição formal da escravatura, a elite brasileira se viu forçada a planejar a transição de uma sociedade escravocrata para uma sociedade cuja economia deveria ser fundamentada no trabalho livre, assalariado.” (SABINO; GONÇALVES; LIMA, 2021, p. 142).

A escravização negra deixou marcas profundas e dolorosas para a sociedade, na qual os negros foram excluídos e impedidos de reestruturar-se com dignidade, não havendo uma inserção de maneira igualitária. Ainda assim, em nosso país o racismo continua sendo um tabu, que muitos negam a existência. Apesar das diversas manifestações racistas cotidianas e escancaradas, há a defesa de uma democracia racial fantasiosa.

A abolição no Brasil fora feita conservando-se o latifúndio. As classes dominantes continuam praticamente as mesmas. Isto determina um trauma naquelas populações negras e mestiças egressas das senzalas que ficaram sem ter onde se situar social e economicamente nesse tipo de estrutura (MOURA, 1983, p. 27 *apud* CAETANO, 2018, p. 12). A realidade da pessoa negra no país é notada pela desigualdade na educação, pelo acesso precário à saúde, pela segregação no mercado de trabalho e outros fatores que ainda existem e são um grande problema no século XXI.

O racismo consiste na discriminação de pessoas, baseado em características fenotípicas, justificando a superioridade de uma raça sobre a outra. Sua construção derivou-se das teorias evolucionistas do século XIX, que influenciaram diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, a Biologia e as Ciências Sociais, teorias estas que defendiam a existência de raças diferentes, menosprezando, assim, os negros e valorizando os brancos europeus (CAVALLEIRO *apud* SILVA; PALUDO, 2011, p. 7107).

A violência étnica ainda existe e é uma mancha na história. É fortalecida por uma parte significativa da nossa sociedade e se evidencia em fatos corriqueiros, como a diferença na distribuição de segurança e oportunidades entre brancos e negros. Nas conexões do dia a dia, o racismo lesa a vítima em questões de autoconfiança, aceitação, autoestima. Dado que o racismo “[...] é um obstáculo para a construção de relações respeitadas, de reconhecimento

positivo e de solidariedade entre as pessoas, ao alimentar a ideia de uma sociedade hierarquizada, na qual uns 'valem mais que outros'." (OLIVA et al., 2013, p.12).

Previsto na Lei nº 7.716/1989, o racismo é considerado inafiançável e imprescritível, sendo um crime contra a coletividade e não contra uma pessoa específica. Já a injúria racial, por seu turno, consiste em ofender a honra de alguém fazendo menção à raça, cor, etnia, religião ou origem nacional. O crime de injúria qualificada está previsto no art. 140, §3º do Código Penal e o réu pode responder em liberdade.

Para exemplificar, tem-se o caso de injúria racial no futebol brasileiro, o qual, segundo o relatório do Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2020), aponta que os casos aumentaram 235% entre 2014 e 2019. Em dezembro de 2020, um episódio que repercutiu nas mídias foi o do jogador do Sub-11 do Uberlândia, Luiz Eduardo Bertoldo Santiago, de apenas 11 anos, que sofreu ofensas racistas na partida. Em um vídeo publicado no Instagram pela equipe mineira, com autorização dos pais, é possível ver a criança arrasada e aos prantos após o jogo. Quando questionando o porquê do choro, ele denuncia o técnico do time adversário, quem lhe proferiu ofensas. De acordo com a reportagem de Santana (2020), no vídeo se diz: "*– O cara falava assim: 'Fecha o preto aí, ó!', aí eu aguardei para falar no final com os pais. Falou um 'tantão' de vezes.*".

Diferentemente do racismo, a injúria é tida como delito leve, uma vez que o ofendido aqui é apenas uma pessoa, e não um grupo de indivíduos. Nesses casos, entende-se que o ofensor pode ser solto mediante pagamento de fiança, ou, se condenado, pode ter como reprimenda, tão somente, uma pena restritiva de direitos. Ademais, a ação penal é pública condicionada, isto é, depende da queixa-crime do ofendido para que o Ministério Público (MP) possa instaurar a ação penal (CAETANO, 2018).

3.1.1 Racismo na escola e a necessária descolonização dos currículos escolares

A escola é um dos primeiros espaços de socialização e construção do conhecimento. Espera-se que seja um agente que propicie um ambiente de convivência acolhedor, livre de violência e mobilize saberes interessantes. Todavia, ainda falta a muitas delas uma educação que leve em consideração as diferenças entre seus componentes: a diversidade cultural, a condição social, as possibilidades de cada um e as visões de mundo (CAMPOS, 2003; FRIGOTTO, 1993 *apud* CONCEIÇÃO; ZAMORA, 2015).

Nenhum segmento de nossa sociedade está livre do racismo, tampouco está o ambiente escolar, onde a discriminação nem sempre é nítida e de fácil identificação. Algumas vezes esta também está subtendida, quando se exclui da literatura personagens negros ou se apresenta estes dando ênfase apenas em situação de escravidão ou em contos folclóricos, e nunca como heróis, médicos e outras profissões elitizadas. Sobre as forma de discriminação, Fante (2005, p. 50) diz que:

A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social (FANTE, 2005, p. 50).

A responsabilidade da abordagem e do combate ao racismo não cabe apenas às instituições educacionais, mas à sociedade como um todo (SILVA; PALUDO, 2011). Levando em conta o compromisso da escola com o caráter social, entende-se a necessidade e importância de debater e articular educação, cidadania e raça, visto que o ambiente escolar deve ser acolhedor, seguro e esclarecedor, buscando projetos que permitam a mudança nas atitudes dos alunos, discutindo e incluindo a diversidade como um todo e excluindo a intolerância e o preconceito.

A manifestação discriminatória dentro do processo educativo tem gerado uma série de agressões físicas e simbólicas que acarreta sofrimento no cotidiano dos alunos, principalmente dos negros. A escola, que é um dos lugares fundamentais para a construção da identidade do indivíduo, acaba funcionando como mais um lugar onde o preconceito e a discriminação são desenvolvidos e alimentados (FERREIRA; CAMARGO, 2011).

A escola não só é responsável pela socialização, como também é a porta de entrada ao conhecimento. O espaço escolar não deve apenas preocupar-se com a formação intelectual do educando, mas também, e sobretudo, com a sua formação enquanto ser humano ético, participativo, realizado no campo pessoal e profissional (THOMAZ; OLIVEIRA, 2009). Por muitas vezes, no âmbito escolar, a violência está mascarada e disfarçada de “brincadeira”, de “piada”, quando na realidade inflige danos, desestabiliza, desmotiva e contribui na desistência dos alunos vítimas das agressões.

É preciso deixar claro que racismo e *bullying* não são sinônimos, portanto não devem ser confundidos. Pois, embora ambos sejam considerados violência, estes requerem análises particulares. Uma pessoa negra, além de sofrer racismo, pode também sofrer *bullying*, e não

necessariamente uma pessoa que sofre *bullying* sofre racismo. “[...] Isso porque o bullying não dá conta das diversas formas de discriminação ocorridas na escola. Ao contrário, torna-se instrumento discursivo que esconde as práticas racistas.” (BERNARDO; MACIEL, 2015).

3.1.2 Desigualdade no Ambiente Escolar e a Importância do Currículo

O acesso à educação no Brasil é um direito de todos, garantido pela Constituição Federal de 1988, a qual tem como objetivo estabelecer os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, conforme o Art 3º, inciso XIII, *garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida* incluído pela Lei nº 13.632, de 2018.

Uma parcela pequena da população encontra-se no topo da distribuição, usufruindo de todos os benefícios, já outros, porém, não têm o mesmo privilégio — são os considerados grupos vulneráveis, expostos à pobreza e falta de oportunidade. As políticas educacionais vêm contribuindo para o desenvolvimento e acesso dos grupos menos favorecidos, “[...] instigadas pelas tentativas de corrigir as desigualdades.” (ARROYO, 2010).

A definição de pobreza depende do contexto de determinada sociedade, ou seja, está relacionada aos seus recursos materiais, às políticas e ao desenvolvimento social e produtivo. De modo geral, a redução da pobreza liga-se a mudanças estruturais no sistema educacional que garantam um acesso à educação de qualidade para todos (BRITO et al., 2015).

Outro ponto na desigualdade situa-se nas diferenças sociais entre brancos e negros que são vistas diariamente na sociedade. O Brasil é um país desigual em muitos aspectos: há desigualdade de renda, de acesso a bens, de infraestrutura, de saneamento básico e, além disso, na própria educação não se ausentam outras formas de desigualdades. Contudo, no que concerne às pessoas pretas e pardas, as desigualdades são acentuadas, por exemplo, no âmbito econômico, uma vez que são maioria entre os cidadãos que possuem rendimentos mais baixos (IBGE, 2019). Conforme o estudo *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil* (2019), em 2018, a taxa de analfabetismo entre a população negra era de 9,1%, enquanto a da população branca era de apenas 3,9%.

Malgrado a dificuldade do acesso à educação ser um dos fatores que mais contribuem para a manutenção de uma certa lacuna no domínio que deveria ser próprio da equidade, rejeita-se medidas que poderiam minorar esta e a educação. Nesse contexto, passa a se constituir como um dos instrumentos de dominação (CONCEIÇÃO; ZAMORA, 2015). O conhecimento é libertador, a pessoa que o detém tem a oportunidade de entender e defender

todo o quadro de seus direitos, além de conseguir tomar decisões mais assertivas. O conhecimento é capaz de transformar vidas e, se utilizado adequadamente, contribui para a construção de uma estrutura social mais justa, igualitária, representativa e possuidora de autonomia.

Assim como o racismo pode se mostrar escancarado, em certos momentos se encontra subentendido em gestos e naturalizado em situações comuns, como exemplo, no âmbito da sala de aula, quando um colega de classe pede a outro um lápis “cor de pele”, referindo-se ao lápis de tonalidade clara, ou replica palavras e frases de teor racista, sem saber a história por trás daqueles termos, como: “mercado negro”, “lista negra”, “humor negro”, “inveja branca”, expressões que sempre se referem ao negro, conotativamente, como algo ruim, desfavorável. Quando não está implícito, ocorre ofensas criminosas como “cabelo ruim”, “macaco(a)”, “raça ruim”, ou frases como “essa raça deveria acabar” e “tudo hoje é vitimismo, mimimi” (quando a questão do racismo é posta em discussão), entre outras.

O currículo escolar é fundamental nas abordagens da diversidade e inclusão, pois é uma ferramenta que auxilia na construção da identidade e socialização do aluno. Uma dificuldade a ser combatida pela escola é a de proporcionar aos estudantes o conhecimento sobre a própria identidade, além de despertar o interesse e oferecer acessibilidade à pluralidade cultural através de variadas manifestações, como a dança, o teatro, a pintura, a literatura, os jogos e brincadeiras, rodas de conversa etc. Conforme João Maria André (2012, p. 103-104 *apud* OLIVEIRA NETO, 2019):

O teatro, a dança, a música e a pintura, por exemplo, oferecem-se frequentemente como espaços de interiorização e de aprofundamento da mestiçagem entendida como diálogo intercultural e o seu acontecimento sob a forma festiva e celebrativa inscrevem as suas propostas como excelentes interfaces para uma vivência plural de fundos, materiais, horizontes e modos de sentir que se misturam e procuram harmonias que a discussão das ideias nem sempre consegue.

Uma maneira de combater o racismo é por meio do estudo das questões étnico-raciais, pois este permitirá que os alunos desenvolvam respeito entre as pessoas independentemente de suas características e origens. Neste sentido, o trabalho com questões étnico-raciais é importante não só para auxiliar o corpo discente a compreender que a diferença entre indivíduos, povos e nações é saudável e enriquecedora, mas também porque cabe à escola promover ações para minimizar toda espécie de preconceito. É necessário, portanto, que haja uma valorização dos assuntos étnico-raciais para que a igualdade entre as raças seja, de fato, garantida, indo para além do mito da democracia racial (LOPES, 2005).

Para conter as desigualdades causadas pelo racismo estrutural, faz-se necessária a representatividade negra no âmbito escolar, seja no corpo de funcionários e alunos, seja nos materiais didáticos e afins.

Acredita-se que há muito a ser dito por meio do corpo. O corpo, nas suas mais diversas formas e características, possui algo a dizer, e, por haver tamanha diversidade de corpos no mundo, todo corpo precisa ser escutado para ser compreendido (SABINO; GONÇALVES; LIMA, 2021, p. 146).

Outro ponto importante é o preparo dos professores diante da temática em discussão. O professor precisa ter plena consciência de seu papel frente à realidade social, além de ter oportunidades para se capacitar e caminhar conforme o amadurecimento dos discentes, dado que não desempenha apenas o papel de ensinar, mas também o de contribuir diretamente na formação dos alunos enquanto cidadãos, além de motivá-los e orientá-los para suas futuras escolhas profissionais, acadêmicas e intelectuais. Professores, portanto, devem ter maiores condições de trabalho, para que consigam desempenhar melhor suas funções, auxiliando na melhoria do ensino (SILVA; ROSSO, 2008). As instituições devem dar espaço às crianças e adolescentes, para que possam expor violências sofridas fora e dentro das salas de aula. É preciso falar, escutar, ensinar, discutir e desconstruir. O reconhecimento de que o racismo está presente nos discursos e nas práticas escolares é importante para promover uma educação antirracista. O primeiro passo para que isso aconteça é entender que essas práticas refletem uma ideologia maior, que defende que sujeitos ocupem uma posição de inferioridade em relação a outros (RIEDEMANN; STEFONI, 2015 apud CARVALHO; FRANÇA, 2019).

Ademais, convém abrir espaço para a oportunidade de acesso à literatura negra escrita por autores negros. Os livros infanto-juvenis auxiliam na formação da identidade e do aprendizado de crianças e jovens. No entanto a própria matriz curricular das instituições favorece a manutenção da desigualdade, quando retratam o negro apenas em situação de escravidão e não citam grandes atores negros e seus feitos na sociedade, como cientistas, doutores, professores, físicos, programadores entre outras profissões, conforme Negrão (1988): “[...] nessa medida, a criança negra, com suas vivências e desejos, está excluída do próprio processo de comunicação instaurado pela literatura didática e paradidática.”. Conseqüentemente, de fundamental importância não reduzir a literatura infantil apenas ao processo de instrumentalização pedagógica, reconhecendo-a, também, como um legado histórico, político e social fundamental, que fará parte do imaginário dos futuros adultos (SABINO; GONÇALVES; LIMA, 2021, p. 145).

4 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E A LITERATURA NEGRA

Visando a promoção da igualdade social, a Lei nº 10639/2003 altera alguns dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/1996, tornando obrigatória a inclusão do estudo de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares. Segundo o Art. 26, § 1º, tem-se que:

O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003).

Desde muito cedo na história da literatura brasileira, a figura do negro foi vítima de um verdadeiro apagamento, pois a pouca referência a sua existência fixou-se apenas na sua condição de cativo. Na literatura que era produzida no Brasil, ainda no período colonial, e que foi escolhida pelos críticos como oficial, o negro, ativo participante do processo de formação do povo brasileiro, permaneceu por muito tempo esquecido, ou melhor, relegado à condição de um simples objeto da crueldade e da tortura de seus opressores (CAPUANO, 2008).

Mesmo entre os escritores que se reconhecem negros, alguns deles demonstram resistência ao uso de expressões como: “escritores negros”, “literatura negra” e afins, por acreditarem que rótulos podem se tornarem um limitador para o desenvolvimento de suas escritas. Fonseca (2006, p.13) diz que *“Para eles, essas expressões particularizadoras acabam por rotular e aprisionar a sua produção literária. Outros, ao contrário, consideram que suas expressões permitem destacar sentidos ocultados pela generalização do termo literatura”*.

Na literatura afro-brasileira, tanto o sujeito quanto o objeto da escrita são escritores negros que criam seus textos a partir de uma subjetividade propriamente negra, além de suas experiências pessoais. A literatura afro-brasileira consolida-se como expressão e reprodução de ideias de uma visão de mundo que identifica a trajetória de vida de africanos escravizados e seus descendentes (MONTEIRO, 2015), e para que um texto seja considerado um texto afro-brasileiro, ele deve apresentar algumas características: uma delas é tornar explícita a raça do ator.

Ao falarmos, portanto, de literatura negra, estamos nos referindo à presença de um “eu enunciatador do discurso” que se quer e se afirmar como negro, que expressa a consciência de um “existir negro”, que reconhece o passado histórico do ancestral

africano, que apresenta um olhar vivencial do modo de ver e sentir o mundo, de acordo com os valores da cultura negra. (PESSANHA, 2013, p. 302 *apud* MONTEIRO, 2015).

Defende-se, e este artigo também o faz, que o ensino da história e da cultura afro-brasileiras representará um passo fundamental para um convívio social caracterizado pelo mútuo respeito entre todos os brasileiros, na medida que todos aprenderão a valorizar a herança cultural africana e o protagonismo histórico dos africanos e seus descendentes no Brasil (CASTRO et al., 2006).

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE (2019), o percentual de pessoas que se declaram negras no Brasil é de 56,10%, sendo que 28% são mulheres. Embora as mulheres negras representem uma parcela significativa da população, existe ainda uma barreira em sua atuação no mercado de trabalho, em cargos de liderança, em questões salariais e em outros aspectos e segmentos. De acordo com o IBGE (2019):

As razões de rendimentos entre categorias de cor ou raça e de sexo indicam que o diferencial por cor ou raça é maior do que o diferencial por sexo. Enquanto as mulheres receberam 78,7% do valor dos rendimentos dos homens, em 2018, as pessoas de cor ou raça preta ou parda receberam apenas 57,5% dos rendimentos daquelas de cor ou raça branca. O diferencial por cor ou raça é explicado por fatores como segregação ocupacional, menores oportunidades educacionais e recebimento de remunerações inferiores em ocupações semelhantes (IBGE, 2019).

Na literatura não é diferente. Quando refletimos sobre mulheres negras e espaço literário no Brasil, o que emerge são os seguintes objetos de análise: Bertoleza, Tia Anastácia, Rita Baiana, as várias mulheres de Jorge Amado, entre outras — todas tratadas como objetos, nenhuma como sujeito (SILVA, 2011).

4.1 Três escritoras intelectuais negras que marcaram a literatura

4.1.1 Maria Firmina dos Reis

Considerada a primeira escritora negra do Brasil, Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1825 na cidade de São Luís. Filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis, Firmina mudou-se aos cinco anos de idade para a vila de Guimarães, próxima a sua cidade natal. (SILVA *apud* MORAIS, 1975). Entendemos como representações aquilo que Carvalho (2021) descreve:

A primeira obra de Maria Firmina dos Reis é o romance *Úrsula*, publicado originalmente em 1859, o qual tem ressaltado nas pesquisas atuais o aspecto antiescravista impresso na narrativa, bem como o ponto de vista da escritora ao tratar o tema da escravização negra no Brasil. Em 1887, a escritora publica na *Revista Maranhense* o conto *A escrava*, com tema semelhante ao do romance de estreia, dando destaque às vozes de mulheres e de homens escravizados, conscientes e resistentes contra o sistema de opressão vigente até então. Nas obras, é possível identificar um posicionamento antiescravista no contexto do Romantismo brasileiro, como também se pode analisar o lugar de fala de onde os textos de Maria Firmina dos Reis são construídos ao abordar o tema da escravização, em especial seu lugar como mulher negra (CARVALHO, 2021).

Maria Firmina dos Reis escreveu as seguintes obras:

- *Gupeva* — novela;
- *Cantos à Beira-mar* — poesias;
- *A Escrava* — conto;
- *Hino da Libertação dos Escravos* — letra e música;
- *Hino à Mocidade* — letra e música;
- *Auto de Bumba meu boi* — letra e música;
- *Valsa* — música;
- *Rosinha* — letra e música;
- *Pastor Estrela do Oriente* — letra e música;
- *Canto de Recordação* — letra e música;
- *Úrsula* — romance.

Figura 1 — Fotografia Maria Firmina dos Reis



4.1.2 Carolina Maria de Jesus

Nascida na cidade mineira de Sacramento, Carolina tornou-se conhecida a partir de 1960. Com a mediação do jornalista Audálio Dantas, publicou, pela editora Francisco Alves, seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, no qual contava o cotidiano da favela do Canindé, em São Paulo. Na ocasião, sustentava a família como catadora de lixo e escrevia no tempo exíguo que lhe sobrava. Com a repercussão da estreia, o título foi traduzido para mais de 15 idiomas. O sucesso de vendas representou sua saída da favela do Canindé e a hostilidade dos moradores daquela comunidade, que se sentiram expostos na obra então recém-lançada (IMS, 2017).

Obras escritas por Carolina:

- *Quarto de Despejo* (1960) — livro;
- *Casa de Alvenaria* (1961) — livro;
- *Diário de Bitita* (1986) — livro;
- *Meu Estranho Diário* (1996) — livro.

Figura 2 — Fotografia Carolina Maria de Jesus



Fonte: <https://diariodorio.com/ufrj-concede-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-escritora-carolina-maria-de-jesus/>

4.1.3 Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1946). Romancista, contista e poeta, nasceu em uma comunidade no alto da Avenida Afonso Pena. Trabalhou como empregada doméstica até 1971, quando concluiu os estudos secundários no

Instituto de Educação de Minas Gerais (ITAÚ CULTURAL, 2017). Entendemos como representações aquilo que o Brasil Escola (2018) descreve:

Suas obras, cuja matéria-prima literária é a vivência das mulheres negras – suas principais protagonistas – são repletas de reflexões acerca das profundas desigualdades raciais brasileiras. Misturando realidade e ficção, seus textos são valorosos retratos do cotidiano, instrumentos de denúncia das opressões raciais e de gênero, mas também se voltam para a recuperação da ancestralidade da negritude brasileira, propositalmente apagada pelos portugueses durante os séculos em que perdurou o tráfico escravista (BRASIL ESCOLA, 2018).

Principais obras de Conceição Evaristo:

- Ponciá Vicêncio, 2003 (romance);
- Becos da Memória, 2006 (romance);
- Poemas da Recordação e outros movimentos, 2008 (poesia);
- Insubmissas Lágrimas de Mulheres, 2011 (contos);
- Olhos d'Água, 2014 (contos);
- Histórias de Leves Enganos e Parecenças, 2016 (contos e novela);
- Canção para Ninar Menino Grande, 2018 (romance).

Figura 3 — Fotografia Conceição Evaristo



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo>

A indicação e apoio à leitura de obras cujas autoras são mulheres negras permitem que outras mulheres tenham referências, [...] “é a história sendo reescrita e vista por outra perspectiva, que foi negada por muito tempo”, esclarece a professora Railda Neves, mestra em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, integrante do Departamento de Ensino e uma das idealizadoras da campanha (SEDUC, 2021).

5 BIBLIOTECAS ESCOLARES

Entre os diversos meios educativos, encontra-se a biblioteca — recurso indispensável para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizado e para a formação do educando. Pode-se afirmar que uma escola sem biblioteca é uma instituição incompleta, e uma biblioteca não orientada para um trabalho escolar dinâmico torna-se um instrumento estático e improdutivo dentro desse contexto (ROMA; CAVALCANTE, 2018).

Sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 25 de maio de 2010, a Lei 12.244/2010 determina a implementação de bibliotecas em todas as instituições de ensino do Brasil. A biblioteca escolar visa apoiar, incrementar e fortalecer o desenvolvimento de alunos e professores, fornecendo-lhes um suporte de valor pedagógico. A realidade das bibliotecas escolares brasileiras, porém, é caracterizada de maneira geral por ínfimas coleções de livros, em sua maioria de cunho didático, em locais inadequados, com um mínimo de infraestrutura e recursos humanos sem qualificação específica (FURTADO, 2004).

A biblioteca escolar é necessária para amparar alunos e professores com o seu acervo, seus serviços, suas atividades e seus profissionais que potencializam a leitura, a escrita, as discussões em torno das relações étnico-raciais e outras demandas que perpassam por leitura, escrita e pesquisa. Desde fontes impressas até as digitais, reunindo também informações e saberes diversos além de um vasto material de literatura, há uma série de elementos que precisam ser colocados à disposição da comunidade escolar e mediadas por professores, bibliotecários e outros profissionais competentes (FIORAVANTE, 2021). Partindo desta problemática e levando em conta a defasagem da literatura negra nos currículos escolares, foi sugerido uma alternativa de acervo digital para facilitar o acesso a esses materiais, fazendo com que professores possam aprender e abordar temas como o racismo em sala de aula.

5.1 O desafio da tecnologia como ferramenta na educação

Com o avanço da COVID-19 e os decretos que visavam conter a transmissão da doença, houve uma grande transformação e adaptação na sociedade. Na educação, com a suspensão das atividades presenciais, o uso da tecnologia foi de extrema importância para que muitos alunos das redes privadas e públicas pudessem ter acesso aos conteúdos. Professores desafiados a mudar, alunos desafiados a aprender. “[...] As novas tecnologias digitais da informação e da comunicação, de leitura e escrita, têm produzido uma série de mudanças

tanto na natureza do letramento, quanto na comunicação na sociedade contemporânea” (SILVA, 2011).

Apesar da tecnologia ser uma aliada da educação, de acordo com o levantamento realizado em 2019 através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), 4,1 milhões de estudantes da rede pública ainda não têm acesso à internet. Os dados mostram a desigualdade entre rede pública e privada de ensino, onde 98,4% dos estudantes da rede privada tiveram acesso à internet, enquanto os da rede pública representavam uma parcela de 83,7%, uma diferença significativa de 14,7%.

Ademais, de acordo com o estudo, 21,7% de pessoas com idade a partir dos 10 anos não utilizaram a internet no período investigado. A pesquisa contou com 39,8 milhões de pessoas e os resultados mostraram que os dois principais motivos para a não utilização foram a falta de informação sobre como usar a internet e a falta de interesse em acessá-la. Outros pontos relatados foram problemas concernentes ao âmbito econômico e a não disponibilização do serviço em locais nos quais as pessoas estavam inseridas:

Entre os estudantes que não utilizaram a Internet, por outro lado, os motivos foram diferentes, com maior peso para os motivos financeiros: 26,1% achavam o serviço de Internet caro e 19,3% achavam o equipamento necessário para o acesso caro. A falta de interesse (18,5%) e o motivo de não saber utilizar (16,0%) tiveram peso bem menor que para o total da população de 10 anos ou mais de idade, enquanto a falta de disponibilidade do serviço nos locais que costumava frequentar teve um peso maior (IBGE, 2019).

A inclusão digital desempenha um papel relevante na sociedade, auxiliando na transformação social e na redução das desigualdades. O governo brasileiro tem projetos que visam promover a inserção digital ao país. Em seu site, há uma listagem de alguns deles:

- ProInfo - Programa Nacional de Tecnologia Educacional;
- Programa Governo Eletrônico;
- Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac - MCTI);
- Programa Wi-Fi Brasil (Gesac - MCTI);
- Investimentos em Inclusão Digital.

No entanto, persiste a percepção de que a inclusão digital se encontra em um lento desenvolvimento segundo os dados apresentados pelo IBGE (2019), levando em conta a necessidade e a importância da utilização de ferramentas tecnológicas como um meio de aumentar o conhecimento em atividades humanas em um contexto propriamente social, como é o da educação.

6 FERRAMENTAS UTILIZADAS

Este capítulo tem por objetivo apresentar a ferramenta utilizada para o desenvolvimento do mapeamento e construção do protótipo da plataforma nomeada de *Acode Aqui*. A ideia principal de sua construção é tê-la como um MVP (Minimum Viable Product), no português Mínimo Produto Viável, como uma versão simplificada de uma solução, que contém apenas suas funcionalidades básicas.

A escolha da ferramenta para a prototipação do acervo digital foi baseada na familiaridade, além dos prós em relação às demais disponíveis no mercado, como o Adobe XD (Adobe Experience Design) e o Sketch. A facilidade e flexibilidade em desenvolver e salvar o trabalho automaticamente, além de permitir visualizar o histórico de criação, foram cruciais para a decisão.

6.1 Figma

O Figma é uma ferramenta de User Interface (UI) online e gratuita, que auxilia na criação e prototipação navegável, facilitando os testes com usuários. A ferramenta foi criada com a premissa de ser colaborativa, permitindo fazer edições simultâneas com outras pessoas. Na figura 4, é apresentada a interface da ferramenta.

O Figma roda no navegador e funciona no Windows, Chrome, Mac e Linux. Todo o seu trabalho é salvo automaticamente e você poderá acessar o histórico de versões a qualquer momento. É leve, rápido e não precisa ser instalado para usar ou compartilhar arquivos (FIGMA, 2021).

Figura 4 — Imagem da interface do Figma



Fonte: A própria autora.

- Na área destacada com cor amarela e numerada como 1, temos o toolbar – as ferramentas que possibilitam a movimentação na área de trabalho e toda configuração necessária para criação das interfaces;
- A esquerda, na coluna destacada de rosa e numerada como 2, temos os *layers* – camadas de informações e páginas;
- No meio da interface, destacada na cor verde e numerada como 3, temos a área de trabalho, onde o usuário consegue acompanhar todo o processo de sua criação;
- A área azul, numerada como 4 representa o *property panel* – painel de propriedades, nele, o usuário consegue editar e configurar seu design.

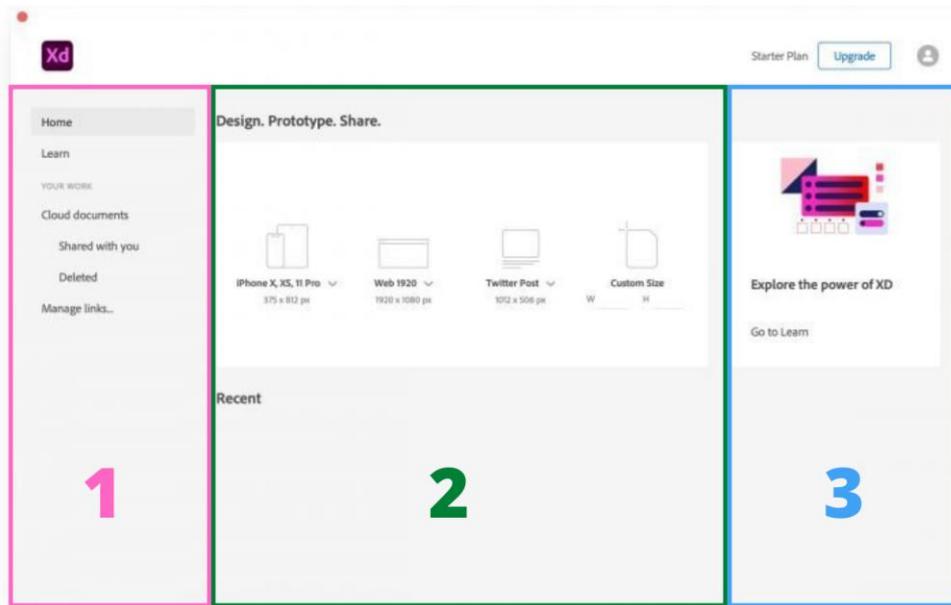
6.2 Adobe XD

Adobe Experience Design, conhecido como Adobe XD, é uma ferramenta de edição de gráficos criada pela empresa de softwares Adobe, a qual tem como característica a interatividade que permite aos profissionais de design organizar o processo de criação, além de se concentrar na experiência do usuário ao projetar:

O Adobe XD é uma plataforma de design de experiência vetorial, avançada e fácil de usar que oferece às equipes as ferramentas necessárias para criar as melhores experiências do mundo de forma colaborativa. Disponível para sistemas Mac e Windows, o XD vai ao encontro das equipes, onde quer que elas estejam trabalhando, com sua compatibilidade entre plataformas. (ADOBE XD, 2021).

A ferramenta não é gratuita, mas há a possibilidade de experimentá-la por 7 dias sem custo. Na figura 5, é apresentada a interface da ferramenta.

Figura 5 — Tela inicial do Adobe XD



Fonte: A própria autora.

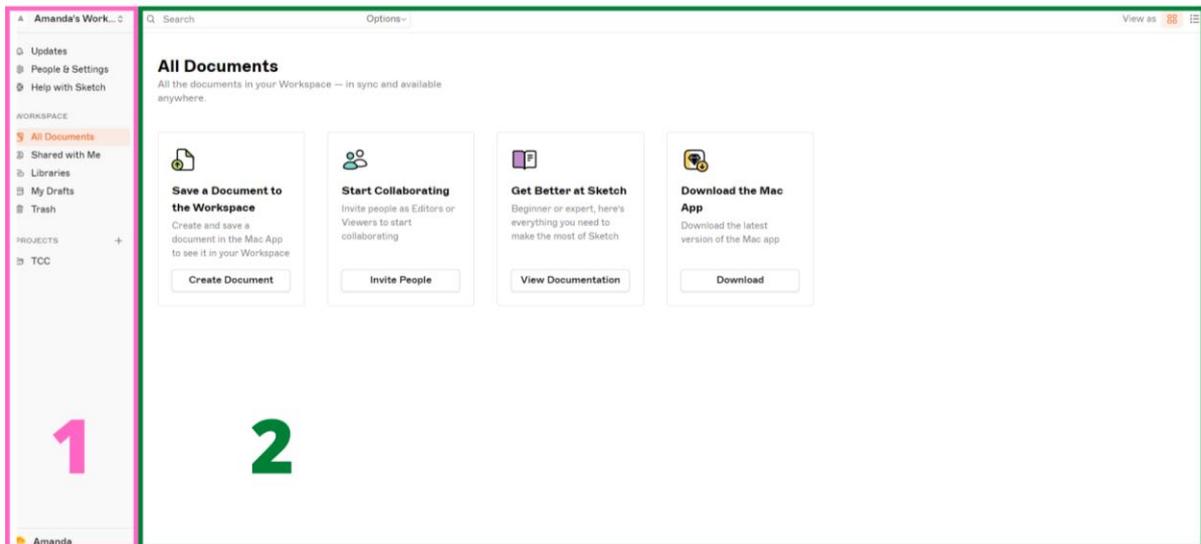
- Na coluna destacada de rosa, temos a parte do *Home* e os trabalhos do usuário;
- No meio da tela destacado com a cor verde e numerada como 2, temos modelos de tamanhos da prancheta, que representa a tela do aplicativo ou a página do site que o usuário irá desenhar;
- Na última coluna numerada como 3, temos a opção de explorar e conhecer melhor sobre a ferramenta.

6.3 Sketch

O Sketch é um editor de gráficos vetoriais e está disponível apenas para macOS. O programa também visa a colaboração entre a equipe, disponibilizando *plugins*, assistentes e integrações, para que os designs se tornem mais acessíveis. O sistema de arquivos é aberto, e assim permite a criação de extensões próprias: “Com uma interface intuitiva, recursos inteligentes e todo poder de um aplicativo macOS nativo, pode manter o foco na criação de coisas incríveis, desde ícones perfeitos em pixels até seu próximo produtivo inovador.” (SKETCH, 2021).

Na figura 6, é apresentada a interface da ferramenta em discussão.

Figura 6 — Tela inicial da ferramenta Sketch



Fonte: A própria autora

- Na coluna destacado com a cor rosa e numerada como 1, temos disponível as camadas de informações e páginas;
- Na área destacada com a cor verde e numerada como 2, temos as opções de criar documentos, convidar pessoas, visualizar documentos e fazer download da ferramenta para o sistema operacional *Mac*.

A ferramenta, a saber, não é gratuita.

7 USER EXPERIENCE (UX)

A sigla UX trata-se de *User Experience*, que, traduzido para o português, significa "experiência do usuário". No cotidiano a utilização de diversos objetos é algo comum, desde uma maçaneta de uma porta qualquer a um aparelho celular, e, em ambos, é possível vivenciar uma experiência ao utilizá-los. Normalmente, a experiência é positiva quando se consegue realizar a tarefa sem demora, frustração ou então sem encontrar problemas no meio do caminho (TEIXEIRA, 2014, p. 22).

Donald Norman, autor do livro *O Design do Dia a Dia*, é conhecido como o pai do termo UX. Em seu livro, mostra-se os esforços exigidos para se manipular certos produtos e se defende a tese de que a dificuldade em lidar ou entender seu funcionamento não é causada pela incapacidade do usuário, senão por uma falha no design. O autor comenta:

Quando você tem dificuldade com uma coisa qualquer - quer seja descobrir se deve puxar ou empurrar uma porta ou os caprichos arbitrários do computador e da indústria eletrônica moderna -, não é sua culpa. Não ponha a culpa a si mesmo, ponha a culpa no designer. A falha é da tecnologia ou, mais precisamente, do design (NORMAN, 2018 p. 10).

7.1.1 Os 6 princípios do design de Norman

Para realização deste trabalho, foi necessária a compreensão dos princípios do design para a prototipação da plataforma, “[...]O design do dia a dia contém vários princípios de design importantes, ferramentas poderosas para que designers se certifiquem de que seus produtos sejam compreendidos e usáveis” (NORMAN, 2018 p. 10). De maneira resumida, os 6 princípios do design são os seguintes:

- Visibilidade;
- *Feedback*;
- Restrições;
- Mapeamento;
- Consistência;
- *Affordance*.

7.1.2 Visibilidade

O princípio da visibilidade fala a partir do âmbito da descoberta: quanto mais visível algo estiver, maiores são as chances dele ser utilizado. Assim, botões e menus visíveis tornam a jornada do usuário mais fácil. “[...] o princípio da visibilidade é violado repetidas vezes nos objetos do cotidiano. Em numerosos designs, partes cruciais são cuidadosamente escondidas.” (NORMAN, 2018, p. 129).

7.1.3 Feedback

O princípio do *Feedback* faz referência aos mecanismos que permitem ao usuário ver as operações dadas, para o software, e como este as trabalha.

Quando não temos feedback, por diversas vezes desligamos o equipamento em momentos indevidos ou reiniciamos desnecessariamente, perdendo todo o nosso trabalho recente. Ou repetimos o comando e acabamos tendo a operação executada duas vezes com frequência em nosso detrimento (NORMAN, 2018, p. 13).

7.1.3 Affordance

Affordance é um termo que não tem uma tradução concreta para o português; mas se pode dizer que significa algo próximo de reconhecimento. De forma prática, o usuário precisa olhar para a aparência de um produto e saber como utilizá-lo. Pode-se usar a maçaneta como um exemplo: não há necessidade prévia de explicar o que ela faz, porque o usuário entende como utilizá-la de imediato, “[...] o designer sempre assegura de que ações sejam perceptíveis e as inapropriadas, invisíveis.” (NORMAN, 2018, p. 13).

7.1.4 Restrições

Limitar ações que usuários podem ou não tomar é uma medida que evita muitos erros. Eles, os usuários, devem ter acesso apenas ao que necessitam, sendo uma maneira mais segura de tornar alguma coisa fácil de usar e restringindo a quantidade de escolhas. “[...] a falha de design de projetar sem incluir restrições no projeto é um dos motivos para todas aquelas advertências e tentativas de instruções...” (NORMAN, 2018, p. 13).

7.1.5 Consistência

A consistência refere-se à criação de padrões que ajudam o usuário a assimilar de forma mais eficaz e produtiva o sistema, não lhe expondo à confusão e facilitando o aprendizado de como deve usar o seu design. Este ponto é importante para o design de interfaces, em que é preciso que operações, elementos e tarefas partilhem de uma mesma similaridade (AGNI, 2015).

7.1.6 Mapeamento

Mapeamento é a relação entre controle e efeito das ações do usuário, *“um aparelho é fácil de usar quando existe visibilidade para o conjunto de ações possíveis, onde os controles e displays exploram os mapeamentos naturais”* (NORMAN, 2018, p. 48).

A partir de estudos voltados à experiência do usuário para atender as suas necessidades, foi desenvolvido um protótipo inicial da plataforma, cujo nome é “Acode Aqui”, que visa facilitar o acesso a materiais de escritores negros para docentes de escolas públicas, para para docentes de escolas públicas, com o fim de que estes sejam capacitados e tenham domínio do conteúdo dos autores negros elencados, transmitindo-o aos alunos em sala de aula.

8 INTERFACE DA PLATAFORMA A CODE AQUI

As telas da plataforma *Acode Aqui* foram elaboradas na intenção de proporcionar ao usuário uma forma simples e objetiva de buscar materiais escritos por escritores e escritoras negras. Desta forma optou-se pela simplicidade na exposição dos conteúdos. Também foi feita a escolha da cor baseada em pesquisas sobre a *psicologia das cores*. Sobre a psicologia das cores, Zylberglej (2017) afirma que:

A Psicologia das Cores se trata de um estado aprofundado sobre como o cérebro humano identifica as cores existentes e as transforma em sensações e sentimentos. Este é um estudo que, junto com os conhecimentos da *Teoria das Cores*, ajuda a compreender a influência das cores nas emoções e nos sentidos de quem as percebe (ZYLBERGLEJ, 2017).

A cor azul foi escolhida por transparecer harmonia, calma, além de ser uma cor utilizada em meio corporativos e reforçar a confiança na marca (CLEMENTE, 2020).

8.1.1 Tela de login

A figura demonstra o *layout* inicial da plataforma. Tem-se as opções de “*Entrar*”, caso o usuário já tenha cadastro, além de poder solicitar uma nova senha se for necessário. Para aqueles usuários que ainda não possuem conta, há a opção de “*Criar nova conta*”.

Figura 7 — Tela inicial da plataforma Acode Aqui

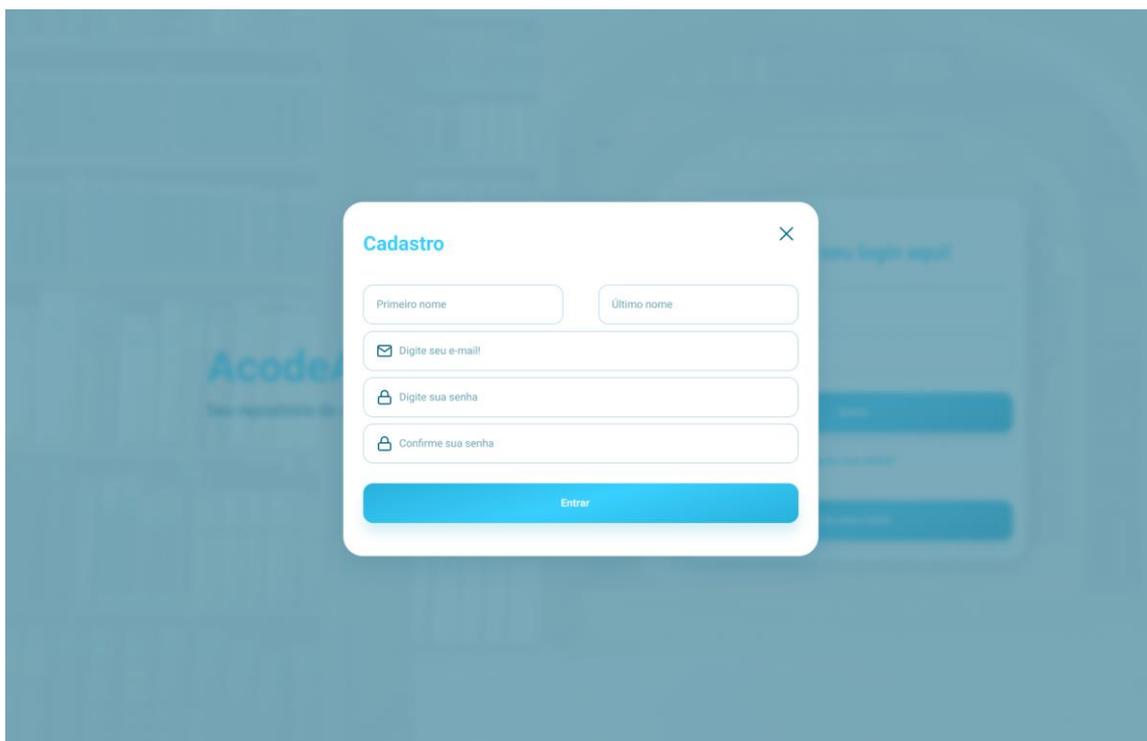


Fonte: A própria autora.

8.1.2 Tela de cadastro

Caso o usuário não possua conta para acesso à plataforma, há a opção de *Cadastro*, no qual ele deve inserir *Primeiro nome*, *Último nome*, *e-mail e senha*. Após o preenchimento dos dados, o botão “Entrar” irá redirecioná-lo para a página inicial, a *Home*.

Figura 8 — Tela de cadastro

A imagem mostra uma tela de cadastro (Cadastro) com um formulário centralizado. O formulário contém os seguintes campos: "Primeiro nome", "Último nome", "Digite seu e-mail" (com ícone de envelope), "Digite sua senha" (com ícone de cadeado) e "Confirme sua senha" (com ícone de cadeado). Abaixo dos campos, há um botão azul com o texto "Entrar". O formulário está sobreposto a uma tela de fundo desfocada que contém o logotipo "Acode" e o texto "Seu lugar aqui".

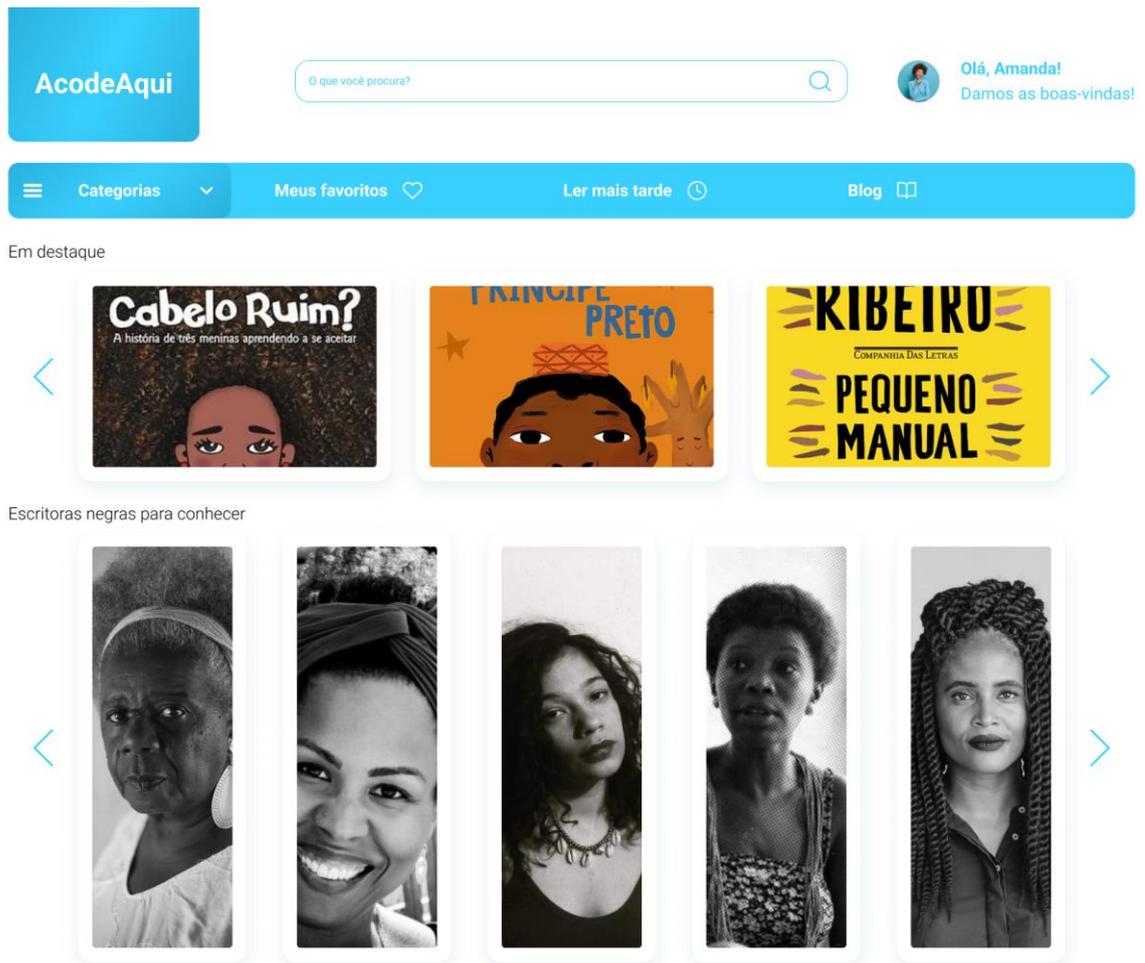
Fonte: A própria autora.

8.1.3 Home - Página principal

Com o acesso à plataforma após a inserção dos dados, o usuário é encaminhado para a página principal. Nela existe o logotipo da empresa, o campo para pesquisa de conteúdo, o perfil do usuário, um menu dividido por: *Categorias*, *Meus favoritos*, *Ler mais tarde* e *Blog*. Há também duas seções, são elas “*Em destaque*” que mostra livros destacados e “*Escritoras negras para conhecer*”.

As imagens das escritoras *Cristiane Sobral*, *Beatriz Gonçalves* e *Beatriz Nascimento* foram retiradas do blog “*Mulheres que escrevem*”, uma lista por Jarid Arraes. As imagens das escritoras *Conceição Evaristo* e *Djamila Ribeiro*, foram capturadas no banco de imagens disponibilizado pelo Google.

Figura 9 — Tela Home da plataforma Acode Aqui



Fonte: A própria autora.

8.1.4 Home - perfil do usuário

No perfil do usuário, há as opções para edição do *Perfil*, *Ajuda* e *Sair*.

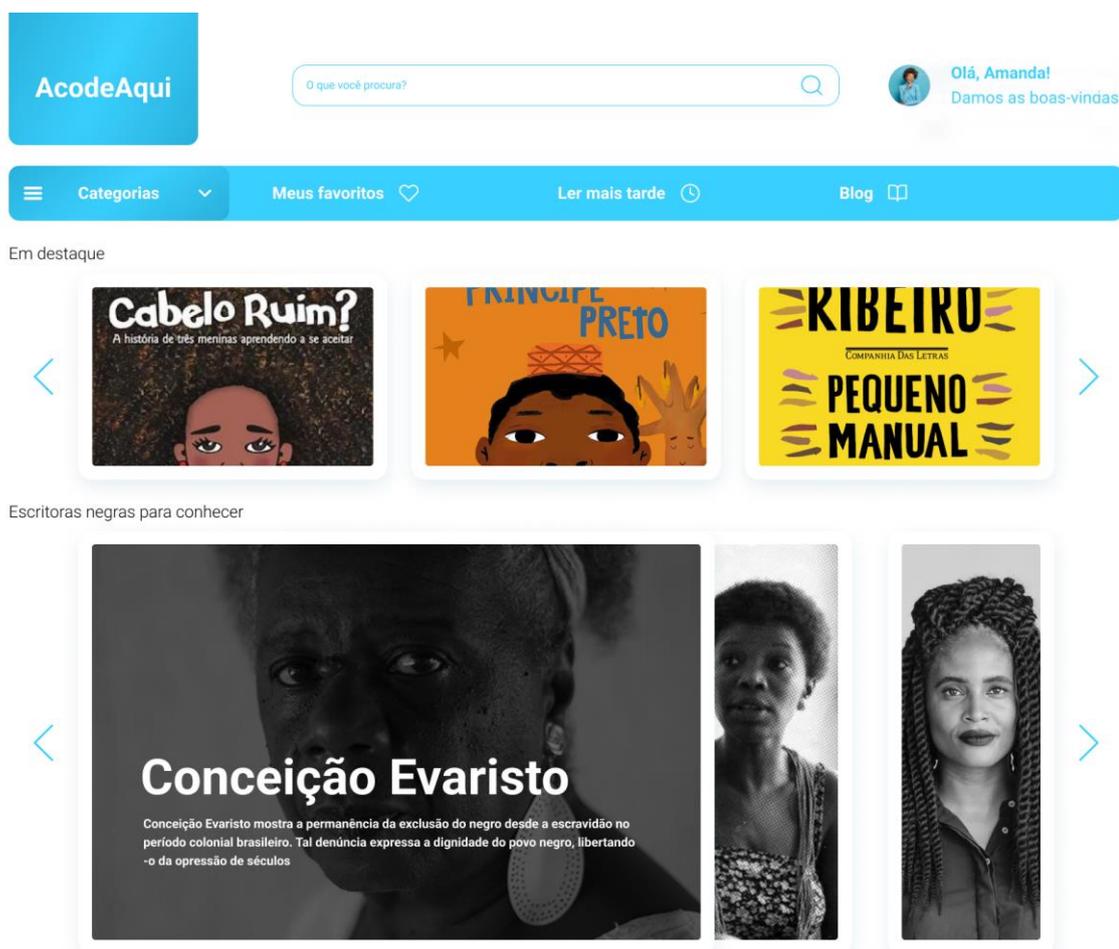
Figura 10 — Opções na seção *Perfil* do usuário

Fonte: A própria autora.

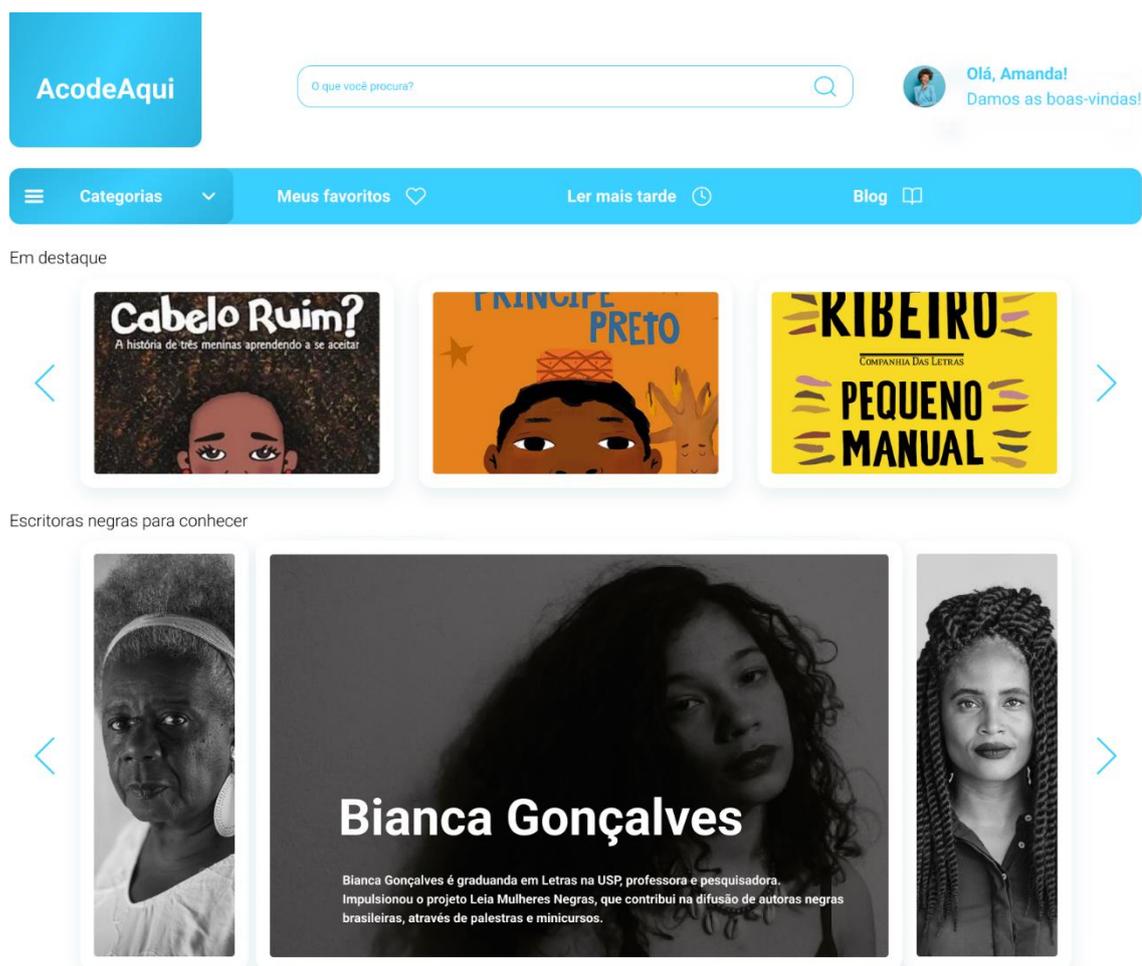
8.1.5 Seção: Escritoras negras para conhecer

Na seção “*Escritoras negras para conhecer*”, há fotos das escritoras a serem apresentadas. Ao clicar em cima da foto de uma delas, a imagem irá se expandir, terá o nome da escritora e uma breve descrição, como mostrado nos exemplos abaixo.

Figura 11 — Home - seção *Escritoras para conhecer*



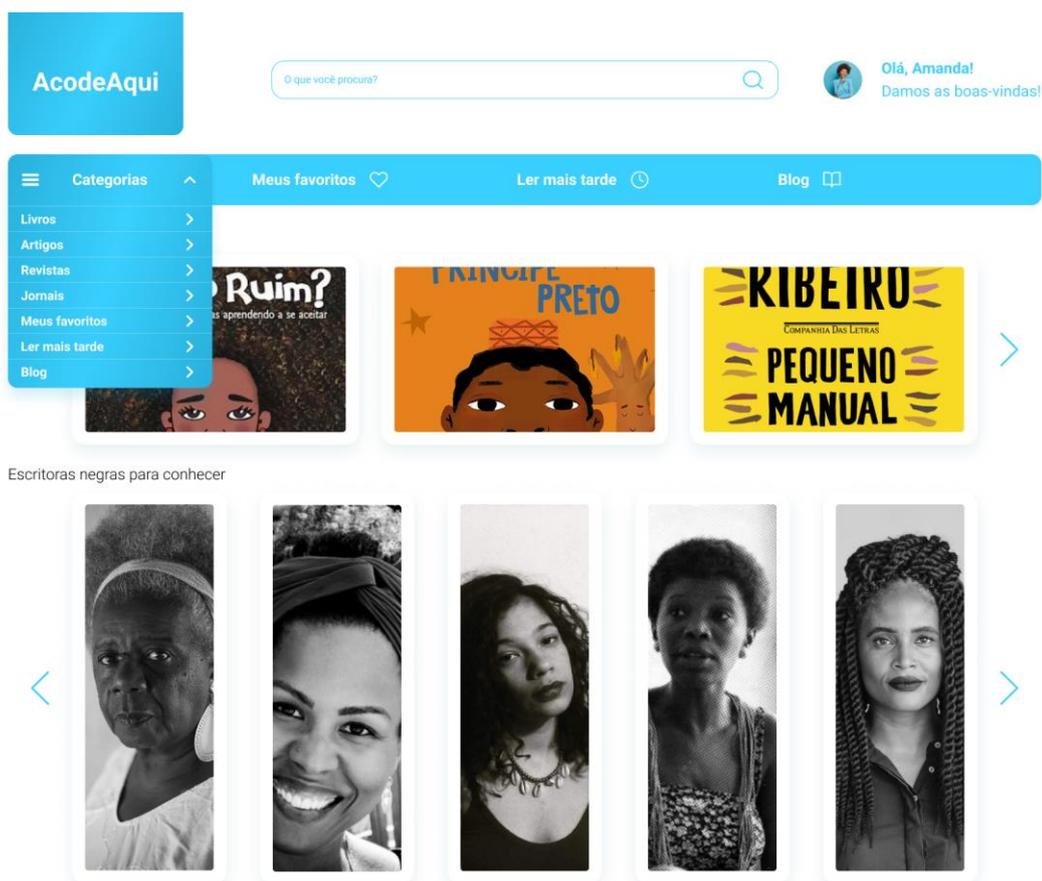
Fonte: A própria autora.

Figura 12 — Home - seção *Escritoras para conhecer*

Fonte: A própria autora.

8.2 Home - categorias

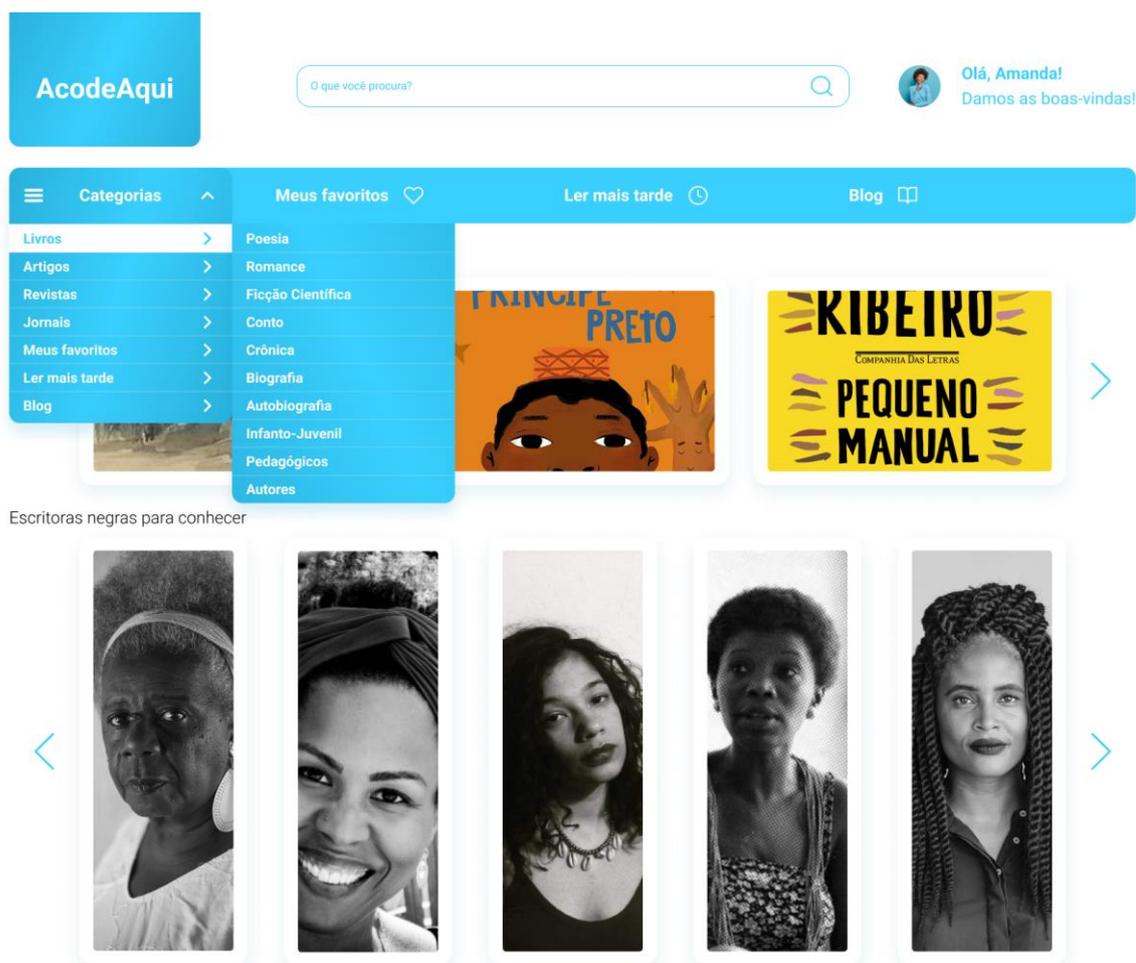
Em *Categorias*, temos os materiais separados por *Livros*, *Artigos*, *Revistas*, *Jornais*, *Meus favoritos*, *Ler mais tarde* e *Blog*, assim o usuário pode navegar de acordo com seu interesse.

Figura 13 — Home - seção *Categorias*

Fonte: A própria autora.

8.2.1 Home - Categoria - selecionar categoria

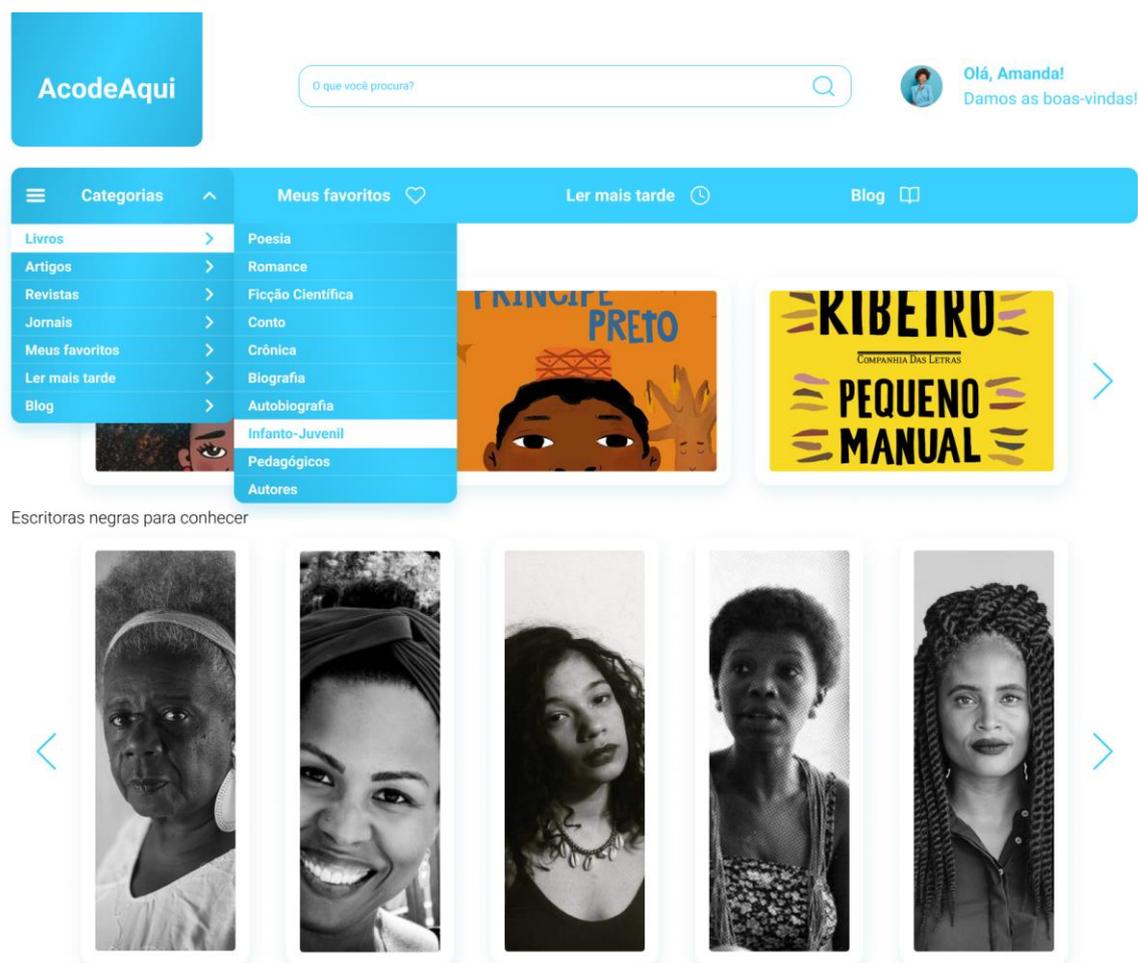
Ao selecionar uma categoria específica, o usuário tem as opções de conteúdos subdivididos em tipos. No exemplo abaixo, temos selecionado a categoria *Livros* e dentro dela, as opções de subcategorias *Poesia*, *Romance*, *Ficção científica*, entre outros.

Figura 14 — Home - seção selecionar *Categoria*

Fonte: A própria autora.

8.2.2 Home - subcategoria

Após a escolha da *categoria* e *subcategoria*, é possível que o usuário experencie visualizar através do princípio do *Feedback* que foi citado no capítulo 9.1 — referente aos 6 princípios do design por Donald Norman. No *layout* abaixo, é possível ver que a categoria selecionada se difere da cor dos demais.

Figura 15 — Home - seção selecionar *Subcategoria*

Fonte: A própria autora.

8.2.3 Resultado do material selecionado

Após a seleção, o usuário é levado para a tela com o material referente. Nesse plano, ele pode saber mais sobre a navegação, através do mapeamento “*Infanto-Juvenil*” ao lado esquerdo da página. Além disso, a página contém a descrição do conteúdo e o direcionamento de onde encontrá-lo para leitura, clicando no botão “*Onde encontrar o livro*”, que o levará para um link externo à plataforma.

Figura 16 — Material selecionado

Infanto-Juvenil Meus favoritos Ler mais tarde Blog

O Pequeno Príncipe Preto

Autor: Rodrigo França
Rodrigo França é ator, dramaturgo, cientista social, filósofo, professor, articulador cultural, produtor, artista plástico, além de ativista em direitos humanos fundamentais. O carioca é responsável pela dramaturgia e direção do espetáculo infantojuvenil O pequeno príncipe preto, que discute os estereótipos associados à representação dos negros como heróis infantis. França é coautor do texto e da direção de O inimigo oculto e integrou o elenco da peça documental Contos Negreiros do Brasil, com texto de Marcelino Freire e direção de Fernando Philbert. Esteve também à frente da produção do musical O grande circo dos sonhos e foi assistente de direção da peça Além do que nossos olhos registram. Atuando com diversos parceiros, como as diretoras Valéria Moná e Mery Delmond, é ainda um dos idealizadores do movimento Segunda Black, que articula trabalhos artísticos de coletivos de teatro negro do Rio de Janeiro. Em 2020, lançou seu primeiro livro infantil – O pequeno príncipe preto –, que anteriormente era uma peça teatral e sofreu algumas alterações para a publicação no novo formato. No texto, o dramaturgo aborda questões de representatividade, exaltação da beleza negra, além de trazer a mensagem de que negros descendem de reis e rainhas.

Em um minúsculo planeta, vive o Pequeno Príncipe Preto. Além dele, existe apenas uma árvore Baobá, sua única companheira. Quando chegam as ventanias, o menino viaja por diferentes planetas, espalhando o amor e a empatia. O texto é originalmente uma peça infantil que já rodou o país inteiro. Agora, Rodrigo França traz essa delicada história no formato de conto, presenteando o jovem leitor com uma narrativa que fala da importância de valorizarmos quem somos e de onde viemos - além de nos mostrar a força de termos laços de carinho e afeto. Afinal, como diz o Pequeno Príncipe Preto, juntos e juntas todos ganhamos.

Editora : Nova Fronteira
1ª edição (18 fevereiro 2020)
Idioma : Português
Capa dura : 32 páginas
ISBN-10 : 8520938388
ISBN-13 : 978-8520938386
Dimensões : 28 x 20,6 x 0,8 cm

Onde encontrar o livro

Compartilhar livro

Fonte: A própria autora.

8.2.4 Perfil - Blog

É possível que o usuário customize seu perfil no *Blog*, adicionando *Nome*, *Profissão*, *Interesses*, além de poder seguir pessoas, denominados “*amigos*”, acompanhar *notificações*, *salvar artigos*, *visualizar artigos* compartilhados por outros usuários e *escrever* novos artigos. Ainda, conta com a parte de “*Visualizações do seu último artigo*”, para nortear a entrega dos conteúdos às outras pessoas. Todas as imagens utilizadas na seção do blog, foram retiradas do banco de imagens gratuito *Pixabay*.

Figura 17 — Tela perfil do usuário - Blog



Fonte: A própria autora.

8.2.5 Blog

Na parte de *Blog*, o usuário é levado a uma página individual, onde existe um menu separado por temas (*Educação, Currículos escolares, Empoderamento feminino, Racismo, etc*). Há também, “*destaques*”, que mostram artigos destacados. Logo abaixo “*destaques*”, é possível acompanhar artigos publicados pela rede de conexões.

Todas as imagens utilizadas na seção do blog, foram retiradas do banco de imagens gratuito *Pixabay*.

Figura 18 — Tela do feed do *Blog*

< Blog
Educação
Currículos escolares
Empoderamento feminino
Racismo

Em destaque

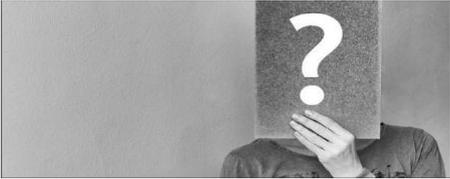




Jessica Borges - Jan 15

Palavras para você excluir do vocabulário

"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua.



"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat.

👍 20 🗨️ 5 ➦ 📄

Jerônimo Pereira - Jan 15

5 maneiras de auxiliar no combate a discriminação racial ainda na infância

"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua.



"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat.

👍 20 🗨️ 5 ➦ 📄

Marina Lopes - Jan 15

Estratégias de Equidade no Enfrentamento à Evasão Escolar

"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua.



"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat.

👍 20 🗨️ 5 ➦ 📄

Fonte: A própria autora.

9 CONCLUSÃO

Através das pesquisas realizadas, percebeu-se que a temática das relações étnico-raciais são pouco representadas nos currículos escolares e não tem atingido o objetivo de possibilitar às pessoas negras um ambiente escolar antirracista. Cumprimos todos os objetivos proposto, uma vez que apresentamos um debate teórico sobre o racismo no ambiente escolar e a necessidade da descolonização dos currículos, investigamos e escolhemos a ferramenta que melhor se aplicava no desenvolvimento da interface, além de inserir a vida e obras de escritoras intelectuais negras.

Este trabalho foi muito importante para a compreensão do tema retratado, visto que é necessário repensar uma matriz que contemple a diversidade e a descolonização dos currículos, desmistificando estereótipos que contribuem para o enraizamento do racismo, além da capacitação dos docentes para que possam contribuir com o enfrentamento do racismo nas escolas.

9.1 Trabalhos Futuros

Para os trabalhos futuros, é imprescindível o estudo mais detalhado das personas, além de ser essencial estabelecer os objetivos e motivações que representam o futuro usuário da plataforma *Acode Aqui*, já que foi apresentado apenas um protótipo, sendo um MVP (*Minimum Viable Product*). O protótipo não foi validado, pois a pesquisa teve cunho exploratório, portanto, não fomos a campo entrevistar e definir uma persona real.

Recomenda-se ainda, a implementação de um protótipo com micro interações, para que o usuário possa ter o primeiro contato com a plataforma *Acode Aqui*.

REFERÊNCIAS

ADOBE. **Adobe XD**. 2021. Disponível em: <https://www.adobe.com/br/products/xd.html>. Acesso em: 23 out. 2021.

AGNI, Edu. **Don Norman e seus princípios de design**. 2015. Disponível em: <[ARROYO, Miguel G.. **POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADES: À PROCURA DE NOVOS SIGNIFICADOS**. **Educ. Soc**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out. 2010. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 out. 2021.](https://uxdesign.blog.br/don-norman-e-seus-princ%C3%ADpios-de-design-fe063669184d#:~:text=Visibilidade,de%20saber%20como%20us%C3%A1%2Dlas>.. Acesso em: 12 dez. 2021.</p></div><div data-bbox=)

BRANDINO, Luiza. "Conceição Evaristo"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>>. Acesso em 02 fev. 2022.

BRASIL. Lei n.º 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. **Assembleia Geral**: Rio de Janeiro, 1888. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm> Acesso em: 7 abr. 2021.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União , Brasília , 10 jan. 2003. Disponível em: <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 01 agosto. 2021.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 4 de Janeiro de 1989. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União 5 jan, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm>. Acesso em: 01 agosto. 2021.

BRITO, Maria Helena de Paula; ARRUDA, Neivaely Aparecida de Oliveira de; CONTRERAS, Humberto Silvano Herrera. **ESCOLA, POBREZA E APRENDIZAGEM: reflexões sobre a educabilidade**. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 12., 2015, Paraná. **Artigo**. Paraná: Educere, 2015. p. 1-14.

CAETANO, Anelise Rodrigues. **A INJÚRIA RACIAL COMO CRIME DE RACISMO PARA FINS CONSTITUCIONAIS**: um estudo doutrinário e jurisprudencial acerca da abrangência do conceito de racismo. 2018. 101 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Departamento de Direito, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CAPUANO, Mariângela Monsores Furtado. A literatura afro-brasileira na sala de aula. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. **Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo: Usp, 2008. p. 1-6.

CARVALHO, Daniela Melo da Silva, FRANÇA, Dalila Xavier de ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO NA ESCOLA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. Revista Educação & Formação [em linha]. 2019, 4(3), 148-168[fecha de Consulta 20 de Fevereiro de 2022]. ISSN: Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=585861585008>>. Acesso em: 20 nov. 2021

CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de (org.). Vozes que resistem: Úrsula e A escrava, de Maria Firmina dos Reis. **Firminas**, v. 1, n. 13, p. 117-138, jan. 2021. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/revista-firminas-n-1/>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CASTRO, Cristiana Gonzaga Candido de Souza; ARAÚJO, Débora Cristina; CEBULSKI, Márcia Cristina; MARÇAL, Maria Antônia. **O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO PARANÁ: LEGISLAÇÃO, POLÍTICAS AFIRMATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE**. 2006. 15 f. Monografia (Especialização), Paraná, 2006.

CERVO Amado Luiz; BERVIAN Pedro Alcino. Metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CONCEIÇÃO Evaristo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CONCEIÇÃO, Viviane Lima da; ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade social na escola. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [S.L.], v. 32, n. 4, p. 705-714, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-166x2015000400013>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

CLEMENTE, Matheus. Entenda o que é Psicologia das Cores e descubra o significado de cada cor. 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/psicologia-das-cores/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

ELIAS FARIA TUONO, N.; TARAS VAZ, M. R. O RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR E A PRÁTICA DOCENTE. Debates em Educação, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 204, 2017. DOI: 10.28998/2175-6600.2017v9n18p204. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/3151>. Acesso em: 18 nov. 2022.

FANTÁSTICO. **Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos**. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent->

no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml>. Acesso em: 17 jan. 2022.

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying; como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus, 2005.

FIGMA. **Figma**. 2021. Disponível em: <https://www.figma.com/>. Acesso em: 23 out. 2021.

FIORAVANTE, Eliane. Racismo, biblioteca escolar, educação das relações étnico-raciais e o campo da Biblioteconomia: uma conversa necessária e possível. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 17, p. 1-19, jun. 2021.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?”, em Souza, Florentina e Lima, Maria Nazaré (orgs.). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: CEAQ; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FURTADO, Cassia. "A biblioteca escolar Brasileira no sistema educacional da Sociedade da Informação.[Em linha].[Consult. 10-8-2005]." Disponível na Internet: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/pdfs/317.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, Carlos A. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*, 4ª edição. São Paulo, Atlas, 2002.

GLOBO, G1 Sp e Tv. **Professor usa roupa semelhante à da Ku Klux Klan, grupo de supremacia branca, em escola estadual de SP; VÍDEO**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/12/21/professor-de-escola-em-santo-andre-se-veste-com-fantasia-que-remete-a-supremacia-branca.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

IBGE. PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019**. Brasil: IBGE, 2019. (ISBN 978-65-87201-56-6). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnadcontinua.html?edicao=30362>>. Acesso em: 30 dez. 2021.

IMS. **Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <<https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-carolina-maria-de-jesus/>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

LOPES, V. N. Racismo, preconceito e discriminação. In: MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.185-200.

NEGRÃO, Esmeralda V., **Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos e infanto-juvenis**. São Paulo: Cad. Pesq, 1988. 14 p.

NORMAN, Donald A.. **O design do dia a dia**. Brasil: Anfitheatro, 2018. (9788569474425, 8569474423). Tradução de: Ana Deiró.

OLIVA, Aloizio Mercadante De, (Brasil) (org.). **Indicadores da Qualidade na educação: relações raciais na escola**. Relações Raciais na Escola. São Paulo: Unicef, Ação Educativa, Mec/Inep, Seppir, 2013. Educação.

OLIVEIRA NETO, Benjamim Machado. O valor da pluralidade cultural e o currículo escolar na concepção do professor. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 5, n. 9, p. 13764-13779, 2019. Brazilian Journal of Development. <<http://dx.doi.org/10.34117/bjdv5n9-010>>. Acesso em: 18 set. 2021.

PIERRO, Bruno de. **O mundo mediado por algoritmos**: sistemas lógicos que sustentam os programas de computador têm impacto crescente no cotidiano. Sistemas lógicos que sustentam os programas de computador têm impacto crescente no cotidiano. 2018. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/o-mundo-mediado-por-algoritmos/#:~:text=Embora%20influenciem%20at%C3%A9%20mesmo%20atividades,formato%20e%20modo%20de%20a%C3%A7%C3%A3o>>.. Acesso em: 19 jan. 2022.

RACISMO e educação: um conflito constante. **Contemporânea**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 191-205, jun. 2015.

RELATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL 2020: 7º RELATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Porto Alegre: **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 2020. 125 p. (ISBN 978-65-5973-061-2).

ROMA, Ivonete Aparecida Andrade; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Acessibilidade nas Bibliotecas Escolares Estaduais de Londrina. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 147-186, 2018. ISSN: 1980-6949.

SABINO, Geruza de Fátima Tomé; GONÇALVES, Lucilene; LIMA, Izabel Cristina de. INFÂNCIA NEGRA, INSTITUIÇÕES ESCOLARES E RACISMO: limite e possibilidades da luta antirracista por meio de um projeto de extensão e cultura. In: BRAGA, Denise da Silva; SANTOS, Sandro Vinícius Sales dos (org.). **Vozes que ecoam nos currículos**: projeções de identidades em diferentes processos de escolarização. Curitiba: Crv, 2021. Cap. 3. p. 141-154. (ISBN: 97865251088889)

SANTANA, Vitor, G1 GO. **Menino diz em vídeo que foi vítima de racismo durante campeonato de futebol em Caldas Novas: 'Fecha o preto'**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/12/18/menino-diz-que-foi-vitima-de-racismo-durante-campeonato-de-futebol-em-caldas-novas-fecha-o-preto.ghtml>>. Acesso em: 24 dez. 2021.

SANTOS, G. G.; APARECIDA LOPES DO VALE, R. Racismo na educação escolar. *Revista Educação em Questão*, v. 57, n. 54, 29 nov. 2019.

SEDUC. **Escritoras e intelectuais negras são homenageadas pela Seduc**. 2021. Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secom/noticias.asp?idn=27693>>. Acesso em: 07 fev. 2022

SILVA, Ângela Carrancho da. Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 527-554, set. 2011.

SILVA, Fernanda Felisberto da. **Escrevivências na diáspora**: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma literatura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Instituto de Letras, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Flávia Carolina da; PALUDO, Karina Inês. RACISMO IMPLÍCITO: um olhar para a educação infantil. **Revista África e Africanidades**, Curitiba, v. , p. 1-10, n. 14/15 – Agosto - Novembro, 2011.

SILVA, Guilherme Leonardo Freitas; ROSSO, Ademir José. **AS CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PONTA GROSSA – PR**. 2008. 12 f. Monografia (Especialização), Ponta Grossa, 2008.

SILVA, Tarcízio. Linha do Tempo do Racismo Algorítmico. **Blog do Tarcízio Silva**, 2019. Disponível em: <<http://https://tarciziosilva.com.br/blog/posts/racismo-algoritmico-linha-do-tempo>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

SKETCH. **Sketch**. 2021. Disponível em: <https://www.sketch.com/>. Acesso em: 23 out. 2021.

TEIXEIRA, Fabrício. **Introdução e boas práticas em UX Design**. Brasil: Casa do Código, 2014. 263 p. (ISBN: 9788555191299, 8555191297).

THOMAZ, Lurdes; OLIVEIRA, Rita de Cássia. **A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO, AUTÔNOMO E PARTICIPATIVO**. 2009. 25 f. Monografia (Especialização) - Programa de Desenvolvimento Educacional (Pde), Paraná, 2009.

ZYLBERGLEJD, Raissa. **A INFLUÊNCIA DAS CORES NAS DECISÕES DOS CONSUMIDORES**. 2017. 103 f. TCC (Graduação) - Curso de Engenharia de Produção, Escola Politécnica, Rio de Janeiro, 2017.